

A Missão Militar Francesa de Instrução no Brasil

Influência e consequências para a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

Ângelo Luís Tomé de Senna*

Introdução

Em 2019, o Exército Brasileiro comemora o centenário de contratação da Missão Militar Francesa de Instrução, marco de grande importância para a reformulação da doutrina e evolução da estrutura organizacional do Exército Brasileiro.

De igual forma, comemora-se o centenário de criação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, fruto de reforma do ensino militar.

A união de esforços entre o Exército Brasileiro e o Exército Francês rendeu muitos dividendos positivos.

A criação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e outras escolas, bem como a contratação da Missão Militar Francesa, encerrou um longo período de estagnação do Exército Brasileiro, iniciado ao término da Guerra do Paraguai.

Contextualização

Positivismo, inconformismo e mudanças

O pensamento Positivista de Auguste Comte teve forte influência no ensino brasileiro e, em particular no ensino militar, do

final do século XIX ao início do século XX, moldando o comportamento militar, priorizando o pensamento científico em detrimento do prático.

A conjuntura política, econômica e social existente, no período acima referenciado, levou parcela do Exército ao inconformismo e à busca por mudanças estruturais, organizacionais e doutrinárias.

Para fins didáticos, dividiremos essa fase em três períodos, como visto a seguir.

Do término da Guerra do Paraguai até o final do século XIX

Nos últimos anos da monarquia, o Exército Brasileiro se estagnara, sem renovar seu material e sem acompanhar a evolução dos métodos de combate resultantes das últimas guerras na Europa e em outros continentes. A elite militar esforçou-se para superar essa estagnação, mas não obteve êxitos significativos. Pode-se mesmo assegurar que o desencanto do Exército com o regime monárquico foi um dos fatores que contribuíram para a proclamação da República. Nos primeiros anos do novo regime, embora os militares ocupassem a Presidência da República, não houve melhoramentos nas Forças Armadas.

* Cel Cav (AMAN/82, EsAO/92, ECEME/99).

Tal situação pode ser constatada pela eclosão das “Questões Militares” e pelo “quase fracasso” da Campanha de Canudos.

Por outro lado, podemos destacar algumas ações no sentido de retirar o Exército da estagnação. São elas:

- a reforma do ensino militar promovida por Benjamin Constant, em 1890, quando ministro da Guerra, voltada para a educação científica e estabelecendo um currículo no qual predominou bem mais o ensino teórico em detrimento do ensino prático (influência positivista); e
- a criação do Estado-Maior do Exército (EME), em 1896, que tinha por objetivo tornar o Exército uma instituição moderna, que acompanhasse as evoluções da arte da guerra e que tivesse maior presteza administrativa. Sua missão era preparar o Exército para a defesa da pátria no exterior e a manutenção das leis no interior.

Do início do século XX até a I Guerra Mundial

Esse período foi marcado por reforma da estrutura militar, surgimento de duas correntes de pensamento filosófico-militar bem como pela participação do Exército na I Guerra Mundial e na Campanha do Contestado. Destacam-se nesse período:

- a criação da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), em 1905, com a finalidade de serem ministrados aos oficiais ensinamentos estratégicos, táticos e logísticos indispensáveis ao preparo e ao emprego do Exército;
- a reforma da estrutura militar promo-

vida pelo marechal Hermes da Fonseca, ao assumir a pasta da Guerra em 1906;

- o envio de turmas de oficiais brasileiros à Alemanha, no período de 1906 a 1912, com o objetivo de modernizar as Forças Armadas nacionais, em função do atraso do Exército e da preocupação de nossa diplomacia com a soberania do país. Essa missão ficou conhecida como “Jovens Turcos” e deu origem a uma das correntes de pensamento filosófico-militar;
- a participação de contingente militar na Campanha do Contestado, no período de 1912 a 1916, quando ficou aparente a falta de organização e preparo da tropa para ações daquela ordem; e
- a participação do Exército na I Guerra Mundial, em 1918, se deu nas operações terrestres e se resumiu ao envio de um corpo de sargentos e oficiais do Exército Brasileiro em uma missão preparatória que havia sido enviada em meados daquele ano sob o comando do general Napoleão Felipe Aché para, operando junto ao exército francês, se inteirar das modernas técnicas de organização e combate empregadas na frente ocidental. Essa participação de militares brasileiros consolidou a outra corrente de pensamento filosófico-militar.

Ao término desse período, grassava entre os militares do Exército forte sentimento de modernização da instituição baseada em uma liderança competente, profissional e bem treinada, orientada por doutrina militar contemporânea, sendo capaz de atender aos anseios nacionais frente a possíveis intervenções internas ou externas. Dessa forma, as duas correntes filosófico-militares se de-

finiram e tornaram-se conhecidas, segundo alguns historiadores, como “Partido Germânico” e “Partido Gaulês”. O primeiro defendia reformas tendo como modelo a doutrina alemã (“Jovens Turcos” e seguidores do Gen Bertoldo Klinger); e o segundo defendia reformas tendo como modelo a doutrina francesa (participantes da I Guerra Mundial e adeptos das experiências da contratação da Missão Militar Francesa junto à Força Pública de São Paulo, iniciada em 1906, e da implantação da aviação militar, em 1918).

Da I Guerra Mundial até 1919

Com o início da Primeira Guerra Mundial, evidenciou-se no Brasil a necessidade urgente de investir-se na modernização e melhoria da eficiência de suas Forças Armadas.

No âmbito do Exército, essas ações podem ser identificadas por meio do(a)(s):

- Decretos nº 11.497 e 11.498, ambos de 23 de fevereiro de 1915, que “Faz a remodelação do Exército Nacional” e “Estabelece a constituição dos diversos elementos que entram na organização normal do Exército activo e sua



Figura 1 – Contestado: uma história de luta e fé
Fonte: www.irani.sc.gov.br

distribuição pelo território nacional”, respectivamente.

- Contratação de uma missão militar francesa de instrução para criar uma escola de aviação em 1918.
- Lei nº 3.674, de 7 de janeiro de 1919 (“Fixa a Despesa Geral da República dos Estados Unidos do Brasil para exercício de 1919”).
- Decreto nº 13.451, de 29 de janeiro de 1919 (“Estabelece bases para a reorganização do ensino militar e criação de cursos de aviação, veterinária e outros”).
- Decreto nº 3.741, de 28 de maio de 1919 (“Autoriza o Governo a contratar na França uma missão militar para fins de instrução no Exército”).

Motivação para a contratação de uma missão militar de instrução

Da leitura atenta dos fatos acima apresentados, depreende-se que, ao final do século XIX e início do século XX, o Exército Brasileiro passava por um período de evidente despreparo profissional e carência de uma instrução que privilegiasse as ciências bélicas em detrimento das ciências exatas e busca, desde o final do século XIX, por meio de diversas ações, encontrar uma solução para esse problema. Entre as medidas que foram implementadas para minorar essa situação, podemos citar: as reestruturações do Exército realizadas em 1896 e 1906, a criação do EME, a criação da ECEME e o envio de oficiais para realizar cursos em países europeus.

A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

foi criada por meio do Decreto nº 13.451, de 29 de janeiro de 1919 (“Estabelece bases para a reorganização do ensino militar e criação de cursos de aviação, veterinária e outros”).

Nela funcionaria o Curso de Aperfeiçoamento d’Armas, sendo frequentado por capitães e primeiros-tenentes das quatro armas (Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia), designados pelo Ministério da Guerra.

Tinha por missão aperfeiçoar os concludentes da Escola Militar, tornando-os aptos para o comando de pequenas unidades e, principalmente, capacitando-os para a difusão, como instrutores, das mudanças doutrinárias e de ensino nas unidades de todo o Brasil.

A Escola iniciou suas atividades em 8 de abril de 1920, instalada no quartel do 1º Regimento de Artilharia Montada (posteriormente 1º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado e atualmente 15º Regimento de Cavalaria Mecanizado). Após quatro anos de funcionamento em sua sede provisória, a Escola foi transferida para o atual aquartelamento, à época um moderno pavilhão construído especificamente para fins escolares.

O Exército Francês

Apresentamos, abaixo, os princípios da doutrina militar francesa dos anos 20, segundo Adriana Bellintani, extraídos de sua tese de doutorado: O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940).

Guerra total

A guerra é o fim ao qual se destina todo exército. Para o entendimento das ideias legadas pela missão estrangeira ao Exército

Brasileiro, é necessária a compreensão da concepção de guerra que norteia o universo da doutrina francesa, para quem as beligerâncias podem ser de três tipos: absoluta, real e total.

A guerra absoluta compreende o emprego total de violência, com vistas a massacrar, aniquilar, ou desarmar o inimigo. É o conflito sem controle, sem limites, que leva à destruição do adversário. Todos os recursos possíveis devem ser utilizados pelos combatentes, pois eles irão até as últimas consequências, visto que a hostilidade entre as partes, nesse tipo de confronto, atinge seu ápice.



Figura 2 – Instalações definitivas da EsAO: pavilhão principal, concluído em 1924

Fonte: acervo da EsAO

A guerra real é aquela em que a força está subordinada à realidade, estabelecendo-se em uma relação de relatividade com a política. “A política realista corresponde à guerra real. A política ideológica, à guerra absoluta”. Todo atrito, logicamente, está diretamente relacionado ao poderio de seu estado; o que difere, na guerra real, é que ela não pretende o aniquilamento do inimigo, mas a obtenção do objetivo político. A guerra total é a guerra nacional. Ela envolve todo o país no conflito; por isso, a denominação de nacional.

Caráter do chefe

O chefe deve estar sempre bem informado

e documentado, mesmo que mais tarde se verifique que tal informação obtida não procede, porque o chefe deve dispor de todo o conhecimento para melhor tomar as decisões e conduzir a tropa por caminhos mais seguros. As principais informações, em caso de guerra, concernem à sua própria situação e à do inimigo. Suas ordens devem ser sempre claras e precisas, contendo as ideias, a missão e os meios a serem utilizados para que ela se cumpra com sucesso. Dessa forma, evitam-se outras interpretações por parte do oficial que recebe a ordem.

O chefe deve conhecer a história, as grandes batalhas e, principalmente, a natureza da guerra e do inimigo. “Para Napoleão, as informações sobre o inimigo possuíam importância determinante”. Mas o chefe, ainda na visão de Napoleão, deve ter a percepção das circunstâncias e adequar suas ordens e decisões ao desenrolar dos fatos: “a doutrina napoleônica era caracterizada por uma noção de subordinação do chefe à situação, aos feitos e pela vontade que ele devia ter de conhecer, de dominar e de provocar tudo o que lhe fosse mais favorável”. O chefe deve contar com o respeito da tropa pelo seu exemplo; são os seus princípios e atitudes que levam os subordinados a o seguirem.

Existe uma tênue diferença entre comandar com autoritarismo e comandar com autoridade. O autoritarismo provoca sentimentos negativos no subordinado, que acaba por não respeitar e não admirar o chefe; já a autoridade emanada pelo chefe inteligente agrada psicologicamente os comandados, que nem pensam em questionar a missão, mas em satisfazer seu chefe e voltar para casa com a certeza do dever cumprido.

Quando o chefe é admirado e respeitado, cativa a confiança de seus subordinados, sendo mais facilmente por eles seguido. Para isso, o chefe deve acreditar na causa de

que está incumbido, pois “a força do Exército é o espírito que o anima”. O chefe deve ter calma para transmitir segurança; deve falar pouco, evitando tagarelices, para não perder seu prestígio. O chefe nunca critica seus superiores ou as ordens superiores, pois, se assim o fizer, passa a oferecer margens para que seus subordinados não cumpram suas decisões, criando um clima de desconfiança e incerteza: o exemplo é sempre a melhor lição.

Servidão e obediência

Uma das grandes qualidades do oficial francês é a servidão. O militar deve servir em tempos de paz para que possa servir ainda mais e também comandar em tempos de guerra. Segundo Foch: “na guerra, para saber comandar é preciso antes ter aprendido a obedecer”. A obediência é um dos principais e mais difíceis valores do militar, pois implica inteira dedicação à causa militar ou nacional.

A obediência, segundo estudo de Henry Clerc, pode ocorrer em três níveis: a passiva, considerada obediência cega; a legal, aquela em que o indivíduo só obedece pela lei: se ele recebe uma ordem ilegal, ele não obedece; e a com reservas, considerada impraticável pelos militares. É a obediência cega que deve ser praticada no meio militar para que a instituição tenha êxito. Como afirma Clerc: “A obediência rigorosa dos chefes militares às ordens do governo necessita, para ser eficaz, uma obediência semelhante no interior do Exército em todos os graus de hierarquia”.

A obediência praticada pelo militar deve ser cega, sem questionamentos, dúvidas, hesitações ou problematizações. Seus integrantes devem se esforçar para não fazer nenhum juízo de valor, pois sua função não lhes permite; não lhes cabe, em qualquer escala hierárquica, ter posiciona-

mentos, porque “o Exército é cego e mudo. (...) Ele não vê nada e age por competência”. A obediência é um dos maiores valores do militar:

[...] a servidão não é uma qualidade fácil de ser praticada, pois, para obedecer sem restrições, sem questionamentos, é preciso confiar nos chefes e superiores e ter, acima de todo e qualquer propósito, o objetivo do dever cumprido.

Disciplina

A disciplina é outro aspecto preponderante na doutrina francesa. Por seu intermédio, os subordinados obedecem, e se mantêm assim a hierarquia: “é na virtude da obediência, que parece daqui em diante se resumir a honra militar”. A disciplina possui importância indiscutível no meio militar, pois é ela quem regula e coordena os esforços. A disciplina é a força principal dos exércitos. Sem ela, perdem-se a obediência e, conseqüentemente, a organização hierárquica.

Disciplinar é uma tarefa a ser desempenhada pelo corpo e pelo espírito. Uma das preocupações dos franceses é com o corpo dos integrantes da tropa. Os homens devem ter porte, boa aparência e músculos trabalhados. Para isso, são imprescindíveis as aulas de educação física. A resistência física, aliada à destreza, forma o bom soldado.

A disciplina é um dos aspectos doutrinários que mantém a força coesa, permitindo que o poder hierárquico não seja quebrado. Está diretamente relacionada à obediência e à servidão militar; ela é o élan de sustentação da estrutura militar. Segundo De Gaulle: “Em virtude da disciplina, uma espécie de contrato é firmada entre o chefe e os subordinados. Fica entendido que a obediência é devida por estes àquele, e que cada um se esforce para realizar o que lhe é hierarquicamente prescrito”.

Não há disciplina sem submissão, independentemente de ser tempo de paz ou de guerra; em qualquer circunstância, as ordens são acatadas pelos subordinados de acordo com o grau da cadeia hierárquica. “A disciplina obriga a deferência e o respeito aos superiores, em todas as circunstâncias”. Como bem afirma Bonaparte: “as primeiras qualidades do soldado são a constância e a disciplina”.

Espírito de grupo

No meio militar o eu não existe; o que há é um sentimento de coletividade: o espírito de grupo é estimulado. Os interesses da tropa, do regimento e da instituição estão acima das vaidades e interesses pessoais.

Velar pelos interesses do grupo é uma das inumeráveis qualidades que o chefe e todos os integrantes são obrigados a possuir. As recompensas coletivas fortalecem o espírito de grupo, de corpo de tropa. O chefe deve adotar sempre a iniciativa de mostrar a importância do trabalho em conjunto e o valor de cada elemento no contexto. A imparcialidade é outra característica que, a priori, compõe a figura de liderança: tem que ser praticada no seio da equipe, pois, ao aplicar as ordens e ao impor a disciplina, não se deve, nem pode praticar nenhuma arbitrariedade. A justiça deve imperar acima de tudo e de todos.

Confiança

Somente com justiça, a instituição adquire confiança: daí a necessidade de um comportamento neutro do chefe, sem priorizar seus interesses particulares ou mesmo os amigos que lhe sejam caros. A confiança transpõe os limites internos dos quartéis e faz com que a nação se sinta segura ao possuir um exército justo e confiável. Não se trata apenas da confiança exigida nos campos de batalha, mas, em sentido amplo, daquela praticada e estimulada cotidianamente. É na disciplina, na

submissão, que está alicerçada a confiança. A confiança deve sempre estar presente entre o chefe e o soldado, o chefe e os oficiais. A atitude do chefe está inserida e consubstanciada na mais nobre tradição do exército francês, pois, caso impere a desconfiança, um clima de inquietude pode ameaçar a ordem constituída e a construção dessa relação segura entre chefes e subordinados. “O confiante profissional do oficial é seu chefe”.

Coragem

Além da confiança, a coragem é outro atributo também referendado pelos oficiais franceses como elemento essencial ao bom comportamento de unidade. É preciso coragem para obedecer, para respeitar a hierarquia, para executar com presteza uma ordem e para manter cotidianamente o estado ideal da força; é necessária a coragem para vencer o inimigo e enfrentar qualquer adversidade nas linhas de confronto.

A coragem é um importante atributo que todo corpo militar precisa cultivar. O perigo está à frente, e o inimigo, com certeza, desempenhará os conhecimentos para os quais foi treinado. A coragem tem que se impor ao medo e à insegurança do confronto e mesmo ao temor da morte.

Ambição

Na doutrina militar francesa, conta-se também com a ambição, que, em uma perspectiva positiva, é outro atributo essencial à vitória do exército, em tempos de guerra, e às maiores conquistas, em tempos de paz. A autoridade também assume papel de relevância: o chefe deve saber dar voz de comando em toda e qualquer situação. A ambição é o sentimento que conduz o homem à vitória e à obtenção de seus objetivos.

O exército tem por finalidade a segurança da nação e, para cumprir seus objetivos, necessita de homens audazes que possuam

a capacidade física e intelectual para corroborar com os ideais de sua pátria. E a ambição é um dos valores imprescindíveis a todos os integrantes, desde o soldado até a mais alta escala hierárquica. A autoridade tem que ser utilizada com base na legalidade e nos valores morais. Os valores morais e intelectuais são tidos como os mais importantes e preponderantes, entre todos os outros, e devem estar acima das ambições pessoais de cada militar [...]

Moral

A força moral é a principal energia em um exército e em uma batalha. Segundo Pétain, “há três coisas em um Exército: a moral da tropa, seu material e seu instrutor e seu número”. O chefe deve conhecer psicologicamente seus subordinados, saber sua conduta militar, seus dotes físicos e intelectuais. Apenas teoria não é suficiente para isso; é preciso que seja empregada, na prática, a disciplina e todos os princípios militares, para que o chefe os conheça. A força moral individual é muito importante, pois é com a ação e o esforço de cada membro que se chega à vitória.

O exército é formado por uma composição orgânica de forças. Como bem elucida Vigny, “o Exército é uma Nação dentro da Nação”. É um organismo que possui regulamentos, rotina de trabalho, produção intelectual, cursos de formação, regras de conduta, doutrina e muitas outras características que o diferenciam do meio civil e permitem que tenha vida própria dentro da Nação.

O valor moral de cada um conforma a força moral da instituição. Dessa maneira, chega-se ao espírito militar: com uma equipe concisa e consciente de seu dever e do sentido que possuem as funções que desenvolve. O comando, a subordinação, a educação militar, os princípios, a hierar-

quia, a obediência, a disciplina e a coragem compõem as faculdades morais. De acordo com Marmont, integrante do exército francês: “Três coisas são necessárias para dar valor às tropas: amor à ordem, hábito de obediência e a confiança em si mesmo e nos outros. Essas são, sob o aspecto moral, as bases fundamentais de um Exército”.

Hierarquia

O chefe, pessoa de destacada relevância para o meio militar, aquele que direciona a instituição, lidera guerras, dá instrução nas academias e escolas, é automaticamente o responsável direto pela manutenção e preservação da doutrina militar. São os chefes que mantêm as tradições acesas, os heróis reverenciados e a história militar ativamente aplicada aos seus quadros. Mas, segundo Tanant, duas últimas qualidades não lhe podem faltar: um bom coração e a benevolência. A abnegação, “o sentimento de disciplina, que faz servir, a ideia de honra, de coragem, a autoridade, o exemplo, tudo não é nada, si lhe falta o coração”.

A disciplina, a hierarquia e a subordinação são os princípios que embasam o exército e lhe fornecem continuidade.

A hierarquia simboliza a instituição e lhe dá legitimidade; através dela se age em nome do legal, do preestabelecido em lei. A hierarquia ordena as funções e os indivíduos, mantém a disciplina e a subordinação. O exército existe como corporação pela sua organização, estabelecida hierarquicamente.

Os valores corporativos são mantidos e sustentados pela hierarquia, e, nesse contexto, estão simbolizados todos os outros caracteres da doutrina antes trabalhados. Quando se pratica diariamente a hierarquia, está-se agindo de acordo com a subordinação, o

respeito e confiança no chefe, com espírito de grupo, liderança, ambição, coragem, disciplina e determinação. A hierarquia e a subordinação fazem parte da vida cotidiana dos quartéis, e, nessa prática, estão inseridos todos os outros valores doutrinários.

A Missão Militar Francesa de Instrução

Por meio da Lei nº 3.674, de 7 de janeiro de 1919 (“Fixa a Despesa Geral da República dos Estados Unidos do Brasil para exercício de 1919”), que especifica em seu Art. 54:

O Governo é autorizado [...] alínea c): a contractar uma missão de officiaes estrangeiros para a instrução do Exército, devendo o respectivo chefe servir junto ao Estado Maior como assistente-technico; e a abrir os créditos necessários para a execução desse serviço, de accôrdo com a regulamentação que expedir.

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor)

Em complemento, foi expedido o Decreto nº 3.741, de 28 de maio de 1919 (“Autoriza o Governo a contractar, na França, uma missão militar, para fins de instrução no Exército”), que especifica em seu Art. 1º:

Art. 1º O Governo contractará na França, para fins de instrução no Exército, uma missão militar, composta de tantos officiaes quantos Ministério da Guerra achar necessários.

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

No período de 15/11/18 a 28/07/19, era presidente da República o Sr. Delfin Moreira e, ministro da Guerra, o Gen Bda Alberto

Cardoso de Aguiar.

Mas, quais motivos levaram à escolha do exército francês? Primeiramente, por sua experiência em missões similares em outros países da América Latina, como em El Salvador, Guatemala, Peru, Colômbia e Bolívia, entre os anos de 1881 e 1914, e por sua campanha vitoriosa na I GM.

Por último cabe salientar qual foi a tarefa atribuída à missão militar de instrução: “a missão de instrução deveria tornar a instrução militar brasileira mais moderna e alinhada com os vitoriosos conhecimentos da doutrina daquele país”.

Consequências para a EsAO e para a carreira dos oficiais

Para a EsAO

A EsAO e a Escola de Estado-Maior foram os grandes propagadores daquela nova doutrina militar, disseminando os modernos ensinamentos doutrinários oriundos da França.

Destaca-se a introdução do método cartesiano para solução de problemas militares,

dos fatores da decisão e a realização de exercícios no terreno.

O militar passou a ser incentivado a criar o hábito de estudar a história, com foco em especial em assuntos táticos e estratégicos.

Em decorrência, o Exército afastou-se da doutrina positivista, na qual se praticava um ensino extremamente teórico e técnico, evoluindo para uma instrução baseada na estratégia, com mentalidade tática e essencialmente prática.

Para a carreira dos oficiais

Como ocorre em toda grande mudança, a Escola inicialmente enfrentou a resistência dos oficiais, que, muitas vezes, apresentavam um baixo desempenho nas provas e não se dedicavam como era esperado.

A EsAO passou a realizar exames de habilitação durante o curso, nos quais a não aprovação levaria ao desligamento do oficial.

E, a partir de 1928, passou a ser exigida a conclusão com aproveitamento do curso de aperfeiçoamento para a promoção ao posto de major e postos superiores. **REB**

Referências

BELLINTANI, Adriana. **O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)**. Tese de Doutorado (História). Universidade de Brasília, 2009.

CASTRO, Celso. **A invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MAGALHÃES, Juracy; GUEIROS, José Alberto. **O último tenente**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MALAN, Alfredo Souto, **Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro**. BIBLIEX.

MCCANN, Frank. **Soldados da Pátria: História do Exército Brasileiro. 1889-1937**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia das Letras 2007.

METRE, Thales Rabelo. **A Influência da Missão Militar Francesa na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, durante a sua vigência**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares). Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Rio de Janeiro. 2017.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial: A Diplomacia Brasileira e as Grandes Potências**. Rio de Janeiro: BIBLIEX. 2015. 286 p.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.